

1

Cuidado com a falsa espiritualidade



Certa vez, foi estabelecida em Escetes a regra de que se deveria jejuar por toda a semana anterior à Páscoa. Durante este período, entretanto, alguns irmãos vieram do Egito para ver Abba Moisés [São Moisés o Negro], e ele lhes preparou uma modesta refeição. Vendo a fumaça, os vizinhos disseram aos sacerdotes da igreja daquele lugar: “Vejam, Abba [pai] Moisés quebrou a regra e está cozinhando comida em sua casa”. Então, os sacerdotes responderam: “Quando sair, falaremos com ele”. Quando chegou o Dia do Senhor, os sacerdotes, que conheciam o modo de vida ilibado de Abba Moisés, dirigiram-se a ele em público: “Oh, Abba Moisés, de fato quebraste o mandamento estabelecido pelos homens, mas preservaste incólume o mandamento de Deus”.



Os Padres do Deserto, milhares de monges e freiras que se deslocaram para os desertos egípcios entre os séculos III e VI, passaram a ser vistos como os olímpianos da vida espiritual. Eles foram para o deserto deliberadamente para viver o mais próximo possível do básico para a existência: nada de comida além da estritamente necessária, nada de supérfluos, nada de excessos. Eles se distanciaram inclusive

fisicamente das tentações do mundo à sua volta – a gula, a libertinagem, o materialismo, o orgulho – e no processo se tornaram os atletas espirituais da época. Como os formidáveis corredores ou lançadores de disco ou gladiadores ao seu redor, privaram a si próprios dos confortos da vida para se aplicarem na busca por Deus. Eles faziam tudo o que podiam para eliminar as frivolidades mudanas a fim de ver, aspirar e ouvir somente a Deus.

Era um grupo de indivíduos admirável e impressionante; contava com cidades inteiras como Escetes, mencionadas nesta história, agrupadas e concentradas em uma única coisa apenas – Deus. Devotavam-se integralmente aos rigores do jejum e à negação do corpo com o objetivo de aguçar a sensibilidade da alma. Seu modo de vida e práticas espirituais se tornaram lendários. Alguns deles oravam a noite inteira; outros jejuavam o dia inteiro; muitos recolhiam-se à solidão na companhia de Deus pela vida toda. Todos viveram vidas de oração e ascese corporal.

Eles se tornaram os místicos, os mentores espirituais e os conselheiros da época. Multidões acorriam ao deserto para ouvir deles um ensinamento, parábola ou máxima espiritual que serviria para orientar a própria vida quando retornassem à cidade. O que poderia ser mais louvável? Como não apreciar esse tipo de foco nas coisas importantes da vida? Resposta: a possibilidade de satisfação, de presunção.

A verdade é que o perigo do ascetismo reside no fato de que o próprio ascetismo pode se tornar um substituto muito lisonjeiro para a verdadeira vida espiritual. Se o propósito

do ascetismo é malcompreendido, equivocado ou exagerado, o ascetismo, pelo menos em nosso tempo, pode descolorir toda a vida espiritual para muitos. Em um período de psicologia humanista, a destruição do corpo – por qualquer motivo, sob qualquer forma – não é facilmente vista como uma resposta sã à vida.

Então, qual a razão de ser dessa história? Precisamente porque ela é muito importante para nossa compreensão de como, de fato, deve ser a santidade que buscamos.

Nesta história, a necessidade de rigor físico, bem como de criação de regras e observância da lei como sinal de santidade, está incorporada à opinião popular. De fato, os guardiões da religião da época vão direto às autoridades religiosas para reclamar da mediocridade espiritual de um dos homens mais santos daquele tempo, Abba Moisés. “Este homem”, denunciam, “interrompe o grande jejum – come com leigos! – simplesmente porque tem visita. É um escândalo; é pecado; tomem alguma providência a respeito disso.”

E os líderes espirituais, igualmente santos da época, o fazem: em público, no Dia do Senhor, eles convocam Moisés para tratar da questão. Diante de toda a comunidade de seguidores, eles confrontam Moisés com seu lapso de santa obediência à regra. E, ao fazê-lo, confirmam a verdadeira espiritualidade em face à falsa espiritualidade. “Abba Moisés”, dizem eles, “tu quebraste o mandamento estabelecido pelo povo.” (Que não haja dúvida: eles perceberam a ofensa.) “Mas”, prosseguem, “preservaste incólume o mandamento de Deus.”

Os mandamentos dos homens nada são diante dos mandamentos de Deus de amar o próximo, ser misericordioso, alimentar o faminto, dar de beber ao sedento e ser puro de coração.

O lugar desta história no léxico da vida espiritual é claro: não podemos substituir as penitências que fazemos durante a Quaresma, por exemplo, pelo que deveríamos estar fazendo para atender às necessidades do mundo ao nosso redor. A finalidade de nossas penitências é nos proporcionar a força espiritual e moral para fazer o que precisa ser feito, para tornar a vida melhor para aqueles que estão em necessidade à nossa volta. Seu propósito não é nos dar um pretexto para não fazê-lo.

2

O pior pecado religioso



Santo Antão disse: “Há de vir um tempo em que as pessoas enlouquecerão e, quando virem alguém que não é louco, apontarão o dedo para tal indivíduo acusando: ‘Tu és louco porque não és como nós’”.



Jamais duvide nem por um minuto de que querer ser igual ao outro para “não ficar para trás” não seja um fenômeno religioso tanto quanto é econômico. Ser como as pessoas que queremos ter como parâmetro é um fenômeno social de grandes proporções. Seja baseado no medo ou na ganância, pode fazer com que populações inteiras modifiquem comportamentos sociais, como cardumes de peixes mudam de direção.

Psicólogos sociais chamam isso de “comportamento de manada” ou “mentalidade de multidão” e estudam suas facetas desde o século XIX. Hoje em dia ninguém conhece melhor os perigos de tal fenômeno do que os economistas. E uma parcela nada desprezível disso ocorre na religião. A partir do momento em que algumas pessoas começam a

prever o fim do mundo, outras estabelecem datas no calendário para uma catástrofe mundial e abastecem os *bunkers* de seus quintais com suprimentos suficientes para durar anos. Pior ainda, a histeria religiosa pode muito bem estar mais arraigada no pensamento social do que outros males sociais. Queimar bruxas nos Estados Unidos – executar mulheres por “associação com o diabo” – contradiz completamente os próprios ideais fundadores do país. A supressão da liberdade religiosa em todo o mundo expõe a semente da ignorância que permeia toda sociedade que alega preocupação com Deus. Os ataques às igrejas no Oriente Médio, os conflitos tribais na África, as leis de exclusão que se seguiram às grandes guerras religiosas na Europa até o século XX são provas irrefutáveis de que todos nós pecamos. Chamamos a “diferença” de insanidade e fazemos tentativas insanas de eliminar o outro.

Entretanto, os Padres do Deserto, os mais “católicos” dos católicos em uma era de revelação incorrupta, não aceitavam nada disso. Santo Antão não admite dúvidas: a exclusão em nome de Deus é o pior pecado religioso. Deus fala em muitas línguas e para todas as pessoas, independente de cor e idade. Não cabe a nós decidir onde está a aprovação de Deus.

Mas cabe a nós considerar como tarefa espiritual a obrigação de chegar às nossas próprias conclusões. Não devemos adotar opiniões alheias por comodismo. Não devemos aderir às decisões de outra pessoa como maria-vai-com-as-outras e simplesmente seguir a multidão. Devemos ser cristãos pensantes.

A perseguição religiosa contra negros, irlandeses, protestantes, mulheres, gays e muçulmanos, só porque é a tendência da época, é motivo de eterna vergonha para nós. Tornar essas coisas atos de fé, algo que cada um de nós tem feito ao longo do tempo é a maior infidelidade ao nosso Deus Criador. É o mesmo tipo de repúdio que Jesus suscitou. Ele era um galileu. E teve a ousadia de defender os cananeus, os leprosos, as mulheres, os samaritanos, os pobres e os estrangeiros na terra. Ele se recusou a se curvar à pressão social que advém de ser “diferente”. Então, eles o expulsaram do âmbito de sua religião; ou saíram escondidos para vê-lo somente à noite, como Nicodemus; ou, na praça, gritaram: “Crucifica-o, crucifica-o, crucifica-o!”

E Jesus deixou para todos nós a obrigação de falar sobre questões que ameaçam corroer nossa humanidade. Falar em defesa dos inocentes e oprimidos. Manifestar-se, não importa quanto tempo leve e quaisquer que sejam as pressões contra nós. Pronunciar-se quando ouvimos ao nosso redor as estratégias daqueles que equilibrariam o orçamento nacional negando benefícios de alimentação aos famintos e educação de qualidade às crianças, e vidas decentes aos desempregados e malremunerados, e um meio de integração à comunidade aos estrangeiros na terra.

Nossa obrigação não é ser como aqueles que garantiriam sua segurança privando os outros de sua própria segurança. Nossa obrigação é ser como Jesus. E isso pode ser qualquer coisa, menos insanidade.